

Uma refutação do relativismo moral¹

Peter Kreeft - Boston College e King's College

Abstract: In this lecture, Peter Kreeft proposes a refutation of that thing named by him as the Moral Relativism. This concept informs a conception of moral as if it was completely relative to the thinking subject; moreover, Kreeft points out to the mutability, to the subjectivity and to the individuality that make to the morality to be perceived as relative. However, Kreeft presents a series of counter arguments to the relativistic notion of moral in the psychologic, cultural, social fields and, also, concerning the idea of freedom, tolerance and situationism. Then, the author presents favorable arguments to a absolutist notion of moral. Beginning with the pragmatism of the consequences, the author utilizes the weight of tradition and the moral experience as arguments in favor of this moral's notion. Lastly, he presents the *Ad Hominem* argument and moral language as final parameters to support moral absolutism. In this lecture's conclusion, Kreeft presents the cause and the cure of the moral relativism. Its cause, according to the author, consists in abdication of reason, while its cure would consist in returning to what God asks for humankind according to the Christian tradition.

Keywords: Relativism; Moral; Philosophy; Christianity.

Resumo: Nesta aula, Peter Kreeft apresenta uma proposta de refutação daquilo que ele denominou como Relativismo Moral. Este conceito informa uma concepção de moral como sendo completamente relativa ao sujeito pensante; ademais, Kreeft aponta para a mutabilidade, para a subjetividade e para a individualidade que fazem com que a moralidade seja percebida como relativa. No entanto, Kreeft apresenta uma série de argumentos contrários à noção relativista da moral no campo psicológico, cultural, social e no que concerne a ideia de liberdade, de tolerância e o situacionismo. Em seguida, o autor apresenta argumentos favoráveis a uma noção absolutista da moral. Começando pelo pragmatismo das consequências, o autor utiliza o peso da tradição e da experiência moral como argumentos em defesa desta noção de moral. Por fim, ele apresenta o argumento *Ad Hominem* e a linguagem moral como parâmetros finais para apoiar o absolutismo moral. Na conclusão desta aula, Kreeft apresenta a causa e a cura do relativismo moral. A causa, para o autor, consiste na abdicação da razão, enquanto que a cura consistiria no voltar-se para aquilo que Deus pede aos homens conforme a tradição cristã.

Palavras-chave: Relativismo; Moral; Filosofia; Cristianismo

Introdução²

Peter Maurin e Dorothy Day compreendiam que uma boa sociedade é aquela que facilita, para as pessoas, o caminho em direção à bondade; de modo concomitante, uma sociedade livre é aquela que facilita a liberdade. Ser livre significa viver livremente, viver espiritualmente, porque apenas o espírito é livre – já a matéria, não. Viver espiritualmente significa viver moralmente³. As duas

¹Original disponível em:

http://www.peterkreeft.com/audio/05_relativism/relativism_transcription.htm. Tradução de: Vitor Hugo Pereira de Oliveira (mestre em Estudos Literários Comparados pela UNB) e Saulo Fernandes Brito (mestrando em História da Filosofia).

² Agradecemos a gentileza de Peter Kreeft por ter autorizado a tradução da transcrição da sua aula sobre o Relativismo. Quaisquer erros, no entanto, são de nossa inteira responsabilidade.

³ Nota dos tradutores: É importante destacar a diferença entre livre-arbítrio e liberdade; quando falamos daquela, devemos ter em mente que a capacidade de escolha está em cada um de nós,

propriedades essenciais do espírito que o distinguem da matéria são o *intelecto* e a *vontade* – a capacidade para o conhecimento e a escolha moral, os ideais concretizados pela verdade e a bondade. A ameaça mais radical para se viver moralmente hoje é a perda dos princípios morais.

A prática da moralidade sempre mostrou-se como uma difícil tarefa para uma humanidade decaída. Mas, ao menos, com uma certa constância, houve um farol: trata-se dos princípios morais; não importa o quão tempestuoso o mar da prática moral tenha ficado. Mas hoje, com a nossa classe falante que são os formadores de opinião na educação formal ou na educação informal – isto é, a mídia – a luz se foi. A moralidade é, atualmente, uma neblina de sensações. É por que para eles, como Chesterton disse, “a moralidade sempre é terrivelmente complicada para um homem que perdeu todos os seus princípios.” Os princípios são os valores morais absolutos, pedras imutáveis debaixo das ondas mutáveis dos sentimentos e das ações. O relativismo moral é uma filosofia que nega os valores morais absolutos. Para mim, este pensamento é o principal suspeito – inimigo público número um. A filosofia que extinguiu a luz nas mentes de nossos professores, e depois dos seus alunos, e eventualmente, se não for combatida, extinguirá a luz da nossa civilização inteira. Portanto, eu quero não apenas apresentar um forte argumento contra o relativismo moral, mas refutá-lo, desmascará-lo, expô-lo, humilhá-lo, envergonhá-lo, dá-lo o soco que merece, como dizem no Texas, o bom vizinho do sul dos Estados Unidos.

Por que este problema importa? Afinal de contas, isso não passa de filosofia, e filosofia não passa de ideias. Mas as ideias têm consequências. Às vezes, essas consequências são tão graves quanto um holocausto, ou uma Hiroshima. Às vezes, bem mais graves. A filosofia é apenas um pensamento, mas semeie um pensamento e colherás um hábito; semeie um hábito e colherás um caráter; semeie um caráter e colherás um destino. Isto é tão verdade para as sociedades quanto para os indivíduos.

Por que este problema importa? O relativismo moral é, simplesmente, o problema mais importante da nossa época, pois nenhuma sociedade em toda a história humana sobreviveu sem rejeitar a filosofia que estou prestes a refutar. Nunca houve uma sociedade de relativistas. Portanto, nossa sociedade fará uma destas três coisas: ou contestará uma das leis mais universalmente estabelecidas de toda a história; ou se arrependerá de seu relativismo e sobreviverá; ou persistirá no seu relativismo e perecerá.

Por que este problema importa? C.S. Lewis diz, n’*O Veneno do Subjetivismo*, que o relativismo “certamente exterminará a nossa humanidade e amaldiçoará as nossas almas”. Lembre-se, por favor, que os Oxonianos não são dados ao exagero. Por que ele diz “amaldiçoará nossas almas?” porque Lewis é um cristão, e ele não discorda do ensinamento fundamental de seu Mestre, Cristo, e de todos os profetas da tradição judaica que dizem que a salvação pressupõe arrependimento, e

enquanto esta somente ocorre quando a minha ação está orientada para o bem, a verdadeira liberdade é agir pelo bem, enquanto o hábito no mal nos torna prisioneiros, isto é – como se costuma dizer na linguagem ética – viciosos.

arrependimento pressupõe uma lei moral objetivamente real. O relativismo moral elimina aquela lei trivializando, assim, o arrependimento pondo em risco, desta forma, a salvação.

Por que ele diz, “exterminará a nossa humanidade,” e não apenas a civilização ocidental moderna? Porque toda a humanidade está se tornando cada vez mais ocidentalizada e relativizada. É irônico o fato de os Estados Unidos, a fonte primária do relativismo no mundo de hoje, ser também a nação mais religiosa do mundo. O que é irônico, porque a religião está para o relativismo como o Dr. Van Helsing está para o Conde Drácula. Dentro da América, a oposição mais forte contra o relativismo vem das igrejas. Ainda mais irônico, de acordo com as eleições mais recentes, os católicos são tão relativistas, tanto no comportamento quanto na crença, como os não-católicos. 62% dos evangélicos dizem que eles duvidam de qualquer verdade absoluta ou imutável, e os judeus americanos são significativamente mais relativistas e mais seculares do que os pagãos. Apenas os judeus ortodoxos, os cristãos ortodoxos, e os fundamentalistas parecem estar resistindo à cultura, mas não por modificá-la, e sim por afastar-se dela. E isto inclui muitos muçulmanos, com exceção da pequena minoria composta por terroristas. Quando Pat Buchanan contou-nos em 1992 que estávamos numa guerra cultural, toda a mídia riu, zombou e vociferou a ele. Hoje, todos sabem que ele estava certo, e a guerra cultural tem a ver com este problema.

Devemos deixar claros os nossos termos quando começamos uma exposição. O relativismo moral, normalmente, inclui três reivindicações: primeiro de tudo, que a moralidade é mutável; segundo, que ela é subjetiva; e terceira, que ela é individual. Primeiro, isto é relativo aos tempos mutáveis; você não pode fazer um relógio retroceder. Segundo, para o que subjetivamente pensamos ou sentimos, não há nada bom ou mau, pois depende da opinião de cada um. E terceiro, os indivíduos: cada louco com sua mania. O absolutismo moral reivindica a existência de princípios morais que são imutáveis, objetivos e universais.

Trata-se, agora, de examinar os argumentos a favor do relativismo moral primeiro para, logo então, refutá-los de forma a clarear o caminho dos argumentos contra ele. Primeiro, eu refutarei cada um dos argumentos comuns a favor do relativismo para então refutar o próprio relativismo.

1. Argumento a favor do relativismo: Argumento Psicológico.

O primeiro argumento é o argumento psicológico. Na prática, as razões psicológicas – isto é, os motivos psicológicos, os motivos pessoais e subjetivos – são, normalmente, uma fonte mais poderosa do relativismo moral do que os motivos lógicos – ou seja, os argumentos lógicos e objetivos. Então, deveríamos nos perguntar: qual a razão principal para se preferir o relativismo? Uma vez que nosso desejo mais profundo é pela felicidade e já que os temores correspondem aos desejos, é provável que haja o medo que o absolutismo moral nos faça infelizes por fazer com que nos sintamos culpados. Então, concluímos que o absolutismo moral não tem nada de amor ou de compaixão. Quando isto se transforma em argumento, soaria como: a boa moralidade tem boas consequências, a má moralidade tem más consequências. Sentimentos de infelicidade e culpa são más

consequências, enquanto sentimentos de felicidade e autoestima são boas consequências. O absolutismo moral produz maus sentimentos de culpa e infelicidade, enquanto que o relativismo moral produz bons sentimentos de autoestima e felicidade. Portanto, o absolutismo moral é mal, enquanto o relativismo moral é bom.

Em primeiro lugar, a resposta para esse argumento é que a lei absoluta moral não existe para minimizar, mas para reconduzir à plenitude a felicidade humana e, portanto, o absolutismo moral é absolutamente amoroso e compassivo da mesma maneira como funcionam os rótulos ou as rotas. Você não será feliz se ingerir veneno ou dirigir em direção a um penhasco. Mas o que dizer sobre a culpa? Removendo os valores morais absolutos remove-se, de fato, a sensação de culpa e esta sensação não te deixa feliz em curto prazo. Mas a culpa, como a dor física, pode ser necessária para se evitar desgostos maiores a longo prazo, se ela é realista. Isto é, se tal dor está em sintonia com a realidade e não é patológica. Então a questão a ser feita é: a realidade inclui leis morais objetivas? Se não, a culpa é uma experiência tão inútil quanto paranoica. Mas se sim, é tão adequada quanto a dor, e por uma razão similar: prevenir danos. A culpa é um aviso para a alma, análoga à dor como um aviso ao corpo.

O argumento do relativista tem também como premissa a petição de princípio⁴. Pois supõe que os sentimentos são o padrão para se julgar a moralidade. Mas a alegação, na moralidade tradicional, é exatamente o oposto: que a moralidade é o padrão para se julgar os sentimentos. Finalmente, se o argumento da autoestima contra a culpa está correto, segue-se, logicamente, que se os estupradores, canibalistas, terroristas ou tiranos sentem autoestima, eles são pessoas melhores do que se estivessem sentindo culpa. E que o problema de Hitler era uma *falta* de autoconfiança. Algumas ideias estão além da necessidade de refutação, exceto nas universidades.

2. Argumento a favor do relativismo: Influência Cultural.

Um segundo argumento a favor do relativismo é o argumento do relativismo cultural. Este argumento parece irrefutável. Alega-se que os antropólogos e os sociólogos descobriram que o relativismo moral não é uma teoria, mas que pode ser comprovado empiricamente. Diferentes culturas e sociedades, como indivíduos diferentes, têm simplesmente, de fato, valores morais muito diferentes. Na cultura dos Esquimós e na Holanda, matar pessoas idosas é correto. Na América, ao leste de Oregon, é errado. Na cultura contemporânea, a fornicação é correta; nas culturas cristãs, é errado, e assim por diante.

Descartes observou, em *Um discurso do Método*, que “não há uma ideia tão estranha que algum filósofo não a tenha ensinado seriamente”. De modo

⁴ Nota dos tradutores: Uma petição de princípio é um argumento falacioso que busca demonstrar a conclusão tendo por base premissas que já a supõem como verdadeiras. É um argumento cíclico, pois tenta justificar a conclusão como meio de justificação, o que precisa ser provado já é dado como certo. São argumentos do tipo *P, logo P*, a princípio parece coerente e sólido, porém não nos informa nada além do que sabemos, sendo, deste ponto de vista, irrelevante o argumento.

semelhante, não há prática tão estranha que alguma sociedade não a tenha legitimado; por exemplo, genocídio ou canibalismo. Ou, alguma prática tão inofensiva que alguns grupos não a tenham proibido; por exemplo, entrar em um templo com um chapéu, ou sem. Desta forma, quem pensar que os valores morais não são relativos às culturas é simplesmente ignorante dos fatos, e assim continua a argumentação.

Para ver a falácia lógica neste argumento, aparentemente invencível, precisamos olhar para as suas premissas não mencionadas – *que a retidão moral é um assunto de obediência a valores culturais*. É correto obedecer aos valores da sua cultura. Sempre. Apenas se combinarmos aquela premissa oculta com a premissa exposta – que os valores diferem com as culturas – podemos chegar à conclusão de que a retidão moral difere com as culturas. Que o que é errado em uma cultura é certo em outra. Mas certamente, esta premissa oculta é tomada como conclusão. Pressupõe o próprio relativismo moral que se supõe que esteja já provado. O absolutista nega que seja sempre certo obedecer aos valores da sua cultura. Ele tem um padrão transcultural pelo qual ele pode criticar o valor de uma cultura inteira. É por isso que ele poderia ser um progressista e um radical, enquanto o relativista pode ser apenas um *status quo* conservador, não tendo nenhum padrão mais alto do que sua cultura. *Meu país, esteja ele certo ou errado*. Apenas uma propaganda maciça, veiculada na mídia, uma grande mentira poderia confundir as mentes das pessoas que elas pensam espontaneamente o oposto. Mas, de fato, é apenas aquele que acredita na lei natural da moral arcaica que poderia ser um socialista radical e um progressista. Ele sozinho poderia dizer para um Hitler ou um Saddam Hussein, “você e a sua completa ordem social estão errados e perversos e merecem ser destruídos”. O relativista poderia apenas dizer, “cada louco com a sua mania, e acontece que eu odeio as suas manias e prefiro as minhas, isto é tudo”.

A segunda fraqueza lógica do argumento sobre o relativismo cultural é o seu equívoco no uso do termo “valores”. O absolutista moral distingue as opiniões subjetivas acerca dos valores em detrimento dos valores objetivamente verdadeiros. Tanto que ele distingue a verdade objetiva das opiniões subjetivas sobre Deus, ou sobre a vida depois da morte, ou sobre a felicidade, ou sobre os números, ou sobre a beleza, apenas para tomarmos cinco outras coisas não empíricas. Pode ser difícil ou até impossível provar estas coisas ou atingir a certeza a respeito delas ou mesmo conhecê-las em sua plenitude. Mas isto não quer dizer que elas sejam irreais. Mesmo se estas coisas não pudessem ser conhecidas, não significa que elas sejam irreais. E mesmo se elas não pudessem ser conhecidas com segurança, não significa que elas não possam ser conhecidas totalmente pela opinião correta. E mesmo que elas não pudessem ser provadas, não significa que elas não podem ser conhecidas com segurança. E mesmo que elas não pudessem ser provadas pelo método científico, não significa que elas não possam ser provadas de qualquer forma. Elas poderiam ser reais, mesmo se desconhecidas; conhecidas, mesmo se não são conhecidas com segurança; conhecidas com segurança, mesmo se não pudessem ser provadas; e provadas, mesmo se não pudessem ser cientificamente provadas.

O equívoco básico no argumento do relativista cultural está entre os valores e a opinião acerca destes valores. Culturas diferentes podem ter opiniões diferentes sobre o que é moralmente valioso, tanto que eles podem ter opiniões diferentes sobre o que acontece depois da morte. Mas isto não implica que a conclusão que o que é realmente correto em uma cultura seja realmente errado em outra. Qualquer outra opinião diferente sobre a vida depois da morte implica na conclusão de que coisas diferentes realmente acontecem depois da morte, dependendo das crenças culturais. O fato de eu poder acreditar que não há Inferno não prova que não exista um e que eu não irei para lá. Se fosse assim, um caminho simples e infalível de salvação seria simplesmente parar de acreditar no Inferno. De forma similar, só porque um bom nazista pensa que o genocídio é certo, não prova que este o seja, ao menos que não haja nada bom ou mau, mas é o pensamento que o faz assim. Mas esta é a conclusão do relativista. Não pode ser sua premissa sem também ser a sua conclusão.

Há ainda outro erro no argumento do relativista cultural. Parece que quase tudo que pode dar errado com um argumento dá errado com este. O argumento a partir dos fatos que nem sequer os tem por certo. De fato, a cultura não difere totalmente com relação aos valores morais, mesmo se o termo 'valores' é usado para denotar meramente opiniões de valor. Jamais existiu uma cultura que acreditasse e ensinasse o que o Nietzsche nomeou como: uma transmutação de todos os valores. Houve diferenças na ênfase; por exemplo, nossos ancestrais valorizaram a coragem mais do que nós atualmente, enquanto valorizamos a compaixão mais do que eles valorizaram. Mas nunca houve algo como um relativismo de opiniões sobre os valores que os relativistas ensinam como fato histórico.

Apenas imagine como seria isto. Tente imaginar uma sociedade onde a justiça, a honestidade, a coragem, a sabedoria, a esperança e o autocontrole fossem julgados como moralmente maus. E o egoísmo irrestrito, a covardia, a mentira, a traição, o vício e o desespero foram considerados como sendo moralmente bons. Tal sociedade nunca é encontrada na Terra. Se ela existe em algum lugar, é no inferno e nas suas colônias. Somente Satanás e seus adoradores dizem "mal, seja o meu bem." De fato, há divergências importantes sobre valores entre culturas. Mas, sob todas as divergências sobre valores menores, sempre se encontra um acordo sobre outras mais básicas. Sob todas as divergências sobre a aplicação de valores morais para situações – por exemplo, devemos ter pena de morte ou não – sempre há um acordo sobre valores morais – por exemplo, o assassinato é mal, pois a vida humana é boa. Desacordos morais entre as culturas, bem como entre os indivíduos seria impossível, a menos que houvesse alguns acordos morais mais profundos, algumas premissas morais comuns. Os valores morais estão para as leis de uma cultura como os conceitos estão para as palavras. Quando você visita um país estrangeiro, você experimenta o choque inicial. A linguagem soa totalmente diferente. Mas, então, por trás das palavras diferentes que você encontrar conceitos comuns. E é isso que torna a tradução de uma língua para outra possível. De forma análoga, sob diferentes leis sociais, encontramos as leis morais humanas comuns.

Encontramos valores morais semelhantes, sob diferentes costumes. O acordo moral entre Moisés, Buda, Confúcio, Lao Tsé, Sócrates, Salomão, Jesus, Cícero, Mohammad, Zoroastro, e Hammurabi é muito maior do que suas diferenças morais.

3. Argumento a favor do relativismo: Condicionamento Social.

Um terceiro argumento a favor do relativismo é semelhante ao segundo, mas é mais psicológico do que antropológico. Este argumento também é supostamente baseado em fatos cientificamente verificáveis. É evidente que a sociedade nos impõe valores morais. Se tivéssemos sido educados em uma sociedade hindu, teríamos valores hindus. A origem dos valores, portanto, parece ser eles mesmos, os pais e os professores, em vez de algo objetivo para as mentes humanas. E o que vem de seres humanos é, claramente, subjetivo, como as regras do beisebol, mesmo que possam ser pública e universalmente aceitas. Este argumento, como o anterior, também confunde valores com opiniões em detrimento dos valores morais. Talvez a sociedade nos imponha opiniões sobre valores morais, mas isso não significa que a sociedade nos imponha valores morais, a menos que os valores morais não passem de opiniões de valor, o que é precisamente o ponto em questão, a conclusão. Portanto, a premissa é novamente transformada em conclusão.

Há também uma falsa premissa neste argumento. A suposição é que tudo o que podemos aprender com a sociedade deve ser subjetivo. Isso não é verdade. Nós aprendemos as regras do beisebol da sociedade, mas também aprendemos as regras de multiplicação. As regras do beisebol são subjetivas e artificiais. As regras de multiplicação, não. É claro que os sistemas de linguagem nos quais expressamos todas as regras são sempre feitas pelo homem. Mas a mente humana cria, em vez de descobrir, as regras do beisebol; mas a mente descobre, ao invés de criar, as regras de multiplicação. Então, o fato de que nós aprendemos qualquer lei ou o valor de nossa sociedade não prova que isto seja subjetivo. Finalmente, mesmo a premissa expressa deste argumento não é totalmente verdadeira. Nem todas as opiniões sobre os valores morais são o resultado do condicionamento social. Pois se fossem, então não poderia haver não conformidade com uma sociedade baseada em valores morais. Poderia haver apenas rebeliões de força, não de princípios. Mas, na verdade, há muitos princípios não conformistas. Essas pessoas não baseiam seus valores totalmente em sua sociedade, uma vez que eles não concordam com a sociedade quanto aos valores morais. Assim, a existência de não conformistas morais é a prova empírica da presença de alguma origem transsocial dos valores morais.

4. Argumento a favor do relativismo: Liberdade.

Um quarto argumento é que o relativismo moral, por si só, garante a liberdade, enquanto o absolutismo moral ameaça a liberdade. As pessoas muitas vezes se perguntam como elas podem ser verdadeiramente livres se não são livres para criar seus próprios valores morais. Na verdade, a nossa própria Suprema Corte declarou que temos um direito fundamental para definir o sentido da existência. Ou este é o mais fundamental de todos os direitos, se se estiver certo, ou a mais fundamental de todas as loucuras, se estiver errado. Ou esta coisa escrita pelo

tribunal é a mais sábia ou mais estúpida que já foi escrita. Esta foi a ação judicial. Por favor, lembre-se do que Casey fez em *Casey At The Bat*.

A resposta mais eficaz a este argumento é muitas vezes um *ad hominem*. Diga para a pessoa que requer o direito de ser livre para criar seus próprios valores morais que você também exige esse direito. E que o sistema de valores que você escolheu criar é aquele em que as opiniões desta pessoa não têm valor algum. Ou, um sistema em que você é Deus, e com razão exige total obediência de todos os demais. Ele vai protestar rapidamente em nome da verdade e da justiça, mostrando assim que ele realmente acredita nesses dois valores objetivos, afinal. Se ele não fizer isso, se ele protesta apenas em nome de seu sistema de valores morais alternativos por ele criados, então o protesto dele contra o teu egoísmo e megalomania não é melhor que o teu protesto contra a justiça e a verdade dele. E então o argumento só poderá ser aceito à força bruta. E esta não é uma situação que garante a liberdade.

Uma segunda refutação do argumento do relativista acerca da liberdade é que esta não pode criar valores morais, pois esta pressupõe tais valores morais. Por que a liberdade pressupõe valores? Bem, em primeiro lugar, porque o argumento do relativista de que o relativismo garante a liberdade deve supor que a liberdade é realmente valiosa assumindo, assim, ao menos um valor objetivo. Em segundo lugar, se a liberdade é realmente boa, ela deve ser a liberdade de algo realmente ruim assumindo, assim, um objetivo bom e um ruim. E em terceiro lugar, o defensor da liberdade quase sempre insiste que a liberdade deva ser concedida a todos e não apenas alguns pressupondo, assim, o valor real da igualdade, ou a Regra de Ouro.

Mas a refutação mais simples do argumento sobre a liberdade é a experiência. A experiência nos ensina que somos livres para criar costumes alternativos, como regras socialmente aceitáveis para o discurso, ou vestimenta, ou comer, ou dirigir. Mas também nos ensina que não somos, de fato, livres para criar morais alternativas. Como fazer com que o assassinato, o estupro ou a traição se tornem corretos. Ou fazer com que a caridade ou a justiça se tornem erradas. Não podemos mais criar um novo valor moral fundamental como se pudéssemos criar uma nova cor primária, ou uma nova aritmética, ou um novo universo. Nunca aconteceu e nunca acontecerá. E se pudéssemos criar novos valores morais, eles não seriam mais os valores morais. Eles seriam apenas regras de um jogo inventadas arbitrariamente. Não nos sentiríamos obrigados a segui-las, ou culpados, caso nós as transgredíssemos. Se fôssemos livres para criar "Tu serás assassino" ou "Não matarás", como nós somos livres para criar "Tu deverás jogar nove partidas" ou "Tu jogarás apenas seis partidas", então nós não nos sentiríamos mais culpados por um assassinato do que por jogar seis partidas.

Na verdade, todos nós nos sentimos obrigados a respeitar alguns valores morais fundamentais como a justiça, a Regra de Ouro. Nós experimentamos o nosso livre arbítrio para escolher obedecer ou desobedecê-los, mas também experimentamos a nossa falta de liberdade para alterá-los em seus opostos. Não podemos criativamente fazer com que o ódio seja bom, ou o amor seja mal.

Experimente, você simplesmente não pode fazer isso. Tudo o que você pode fazer é recusar toda a ordem moral. Você não pode criar outra. Você pode escolher cometer um estupro, mas você não pode experimentar a obrigação moral para cometer tal estupro.

5. Argumento a favor do relativismo: Tolerância.

Um quinto argumento igualmente comum, hoje, é que o relativismo moral é tolerante, enquanto o absolutismo moral é intolerante. A tolerância é um dos poucos valores que não são controversos atualmente. Quase todos em nossa sociedade aceitam a tolerância. Por isso, este é um argumento importante para qualquer teoria ou prática que possa reivindicá-lo. Qual é a afirmação do relativismo com relação à tolerância? Bem, eu não vejo nada menos do que oito falácias neste argumento popular.

- Em primeiro lugar, vamos deixar claro o que entendemos por tolerância. A tolerância é uma qualidade exercida por pessoas, e não através de ideias. As ideias podem ser confundidas, ou vagas, ou mal definidas, mas isto não as torna tolerantes ou intolerantes, mais do que a clareza ou a exatidão poderiam torná-las intolerantes. Se um carpinteiro tolera 3/16 de uma polegada de desvio de terreno plano, ele é três vezes mais tolerante do que aquele que tolera apenas 1/16 de uma polegada, mas ele não é menos claro. Um professor não pode tolerar nenhuma dissidência de suas visões confusas e mal definidas – um marxista, digamos – enquanto outro, um Sócrates, pode tolerar muita dissidência de seus pontos de vista bem definidos.
- Em segundo lugar, a afirmação do relativista é que o absolutismo, a crença nas leis morais universais, objetivas e imutáveis, fomenta a intolerância de pontos de vista alternativos. Mas nas ciências, nada parecido com isto aconteceu. As ciências têm, certamente, sido beneficiadas e progrediram notavelmente por causa da tolerância de opiniões diversas e heréticas. No entanto, a ciência não versa sobre as verdades subjetivas, mas sobre as verdades objetivas. Portanto, o objetivismo não necessariamente causa a intolerância.
- Em terceiro lugar, o relativista pode ainda argumentar que as verdades tidas por absolutas são rígidas e inflexíveis e, portanto, o defensor delas também será rígido e inflexível. Mas isto não procede. Podem-se ensinar fatos sólidos de uma forma branda, ou opiniões atenuadas de uma forma rígida.
- Em quarto lugar, a refutação mais simples do argumento da tolerância é a sua própria premissa. Assume-se que a tolerância é realmente, objetivamente, universalmente, absolutamente boa. Se o relativista não replicar que está pressupondo o valor objetivo da tolerância, então tudo o que ele está fazendo é exigir a imposição de sua preferência pessoal subjetiva para a tolerância. Isso o tornaria, certamente, mais intolerante do que o apelo a uma lei moral objetiva, universal e impessoal. Se os valores morais não são absolutos, então a tolerância também não pode ser absoluta. O absolutista pode levar a tolerância muito mais a sério do que o relativista. É o absolutismo, e não o relativismo, que promove a tolerância.

- Quinta falácia: É o relativismo que promove a intolerância. Por que não posso ser intolerante? Ele não tem resposta para isso. Porque a tolerância parece ser melhor? Ou porque é um consenso popular? Bom, suponhamos que a tolerância já não seja bem vista. Considere que ela deixe de ser popular. O relativista não poderá se valer de nenhuma lei moral como uma forma de proteção contra a torrente de intolerância. Precisamos desesperadamente de tal barreira, porque as sociedades, como os indivíduos, são inconstantes e corrompidos. O que mais pode impedir uma Alemanha humana e humanista de se voltar para uma filosofia nazista desumana, que prega a superioridade racial? Ou, uma América, agora tolerante, de se voltar para uma intolerância futura contra qualquer grupo que ela decidir privar de seus direitos civis. Bebês que estão em gestação hoje, nascidos amanhã. Homofóbicos hoje, talvez os homossexuais de amanhã. O mesmo absolutismo que os homossexuais costumam temer, porque não é tolerante com o seu comportamento, é a sua única proteção contra a intolerância direcionada a eles.
- Sexta falácia: Examinando o significado essencial do conceito de tolerância podemos inferir algo de concreto do objetivismo moral, pois não toleramos bens. Nós só toleramos os males, a fim de evitar males maiores. O paciente irá tolerar a náusea provocada pela quimioterapia a fim de evitar a morte por câncer. E uma sociedade irá tolerar coisas ruins, como o tabagismo, a fim de preservar as coisas boas, como a privacidade e a liberdade.
- Em sétimo lugar, o defensor da tolerância enfrenta um dilema quando se trata de tolerância intercultural. A maioria das culturas, ao longo da história, não colocava um alto valor para a tolerância. Na verdade, alguns até pensaram que fosse uma espécie de fraqueza moral. Devemos tolerar essa intolerância? Se concordarmos, então devemos tolerar a intolerância, logo seria melhor que a tolerância objetivista parasse de falar mal da Inquisição Espanhola. Mas se nós não devemos tolerar a intolerância, por que não? Porque a tolerância é muito boa e a Inquisição foi muito mal? Nesse caso, estamos pressupondo um valor transcultural que é universal e objetivo. E se ao invés disso, ele diz que é só por causa do nosso consenso para a tolerância? Mas o consenso da história é contra. Por que impor a nós mesmos? Isso não é culturalmente intolerante?
- Oitavo, finalmente, existe uma falha lógica no argumento relativista também. Mesmo que a crença em valores morais absolutos tivesse sido a causa da intolerância, não se pode deduzir que tais valores não são reais. A crença de que o policial na sua hora de serviço está dormindo pode fazer com que um assaltante seja intolerante para suas vítimas, mas isso não quer dizer que o policial não está dormindo. Assim, não há nada menos do que oito fraquezas no argumento da tolerância.

6. Argumento a favor do relativismo: Situacionismo.

Um sexto e último argumento a favor do relativismo é que as situações humanas são tão diversas e complexas que não parece razoável e realista mantê-las em normas morais universais. Mesmo matar pode ser bom se a guerra é necessária

para a paz. Mesmo o roubo pode ser bom se você roubar uma arma de um louco. Mesmo mentir pode ser bom se você é um holandês que está mentindo para os nazistas sobre o local onde você está escondendo os judeus. O argumento é essencialmente este: A moralidade é determinada por situações, e as situações são relativas; portanto, a moralidade é relativa. Há um argumento que pode ser considerado profundamente relacionado com este; que a moralidade é relativa, pois é determinada por um motivo. Todos nós culpamos alguém por tentar assassinar outra pessoa, mesmo que a ação não seja realizada com sucesso, simplesmente porque seu motivo é ruim. Mas nós não consideramos alguém moralmente culpado de assassinato por matar acidentalmente outra pessoa. Por exemplo, dar doces açucarados para uma criança que não tem forma de saber que está num caso sério de diabete. Portanto, o argumento é essencialmente que a moralidade é determinada por um motivo, e a motivação é subjetiva. Portanto a moralidade é subjetiva.

Assim, tanto o situacionista quanto o motivacionista concluem contra os absolutos morais. O situacionista o faz porque ele entende que toda a moralidade é relativa à situação, o motivacionista o faz porque ele entende que toda a moralidade é relativa ao motivo. Nós respondemos com uma distinção presente no senso comum. A moralidade é de fato condicionada, ou em parte determinada, por ambas as situações e motivos, mas não pode ser totalmente determinada por situações ou motivos. A moralidade do senso comum tradicional envolve três determinantes morais, três fatores que influenciam se um ato específico é moralmente bom ou mau. A natureza do ato em si, a situação, e o motivo. Ou, o que você faz, quando, onde e como fazê-lo; e por que você o faz. É verdade que fazer a coisa certa, na situação errada, ou pelo motivo errado, não é bom. Fazer amor com sua esposa é uma boa ação, mas fazê-lo quando é medicamente perigoso, não é uma boa ação. A ação é boa, mas não nessa situação. Dar dinheiro aos pobres é uma boa ação, mas fazê-lo apenas para se exibir, não é. A ação é boa, mas o motivo não é.

No entanto, primeiro deve haver uma ação anterior para que possa ser qualificada por motivos subjetivos ou situações relativas, e este é certamente um fator moralmente relevante também. A vida boa é como uma boa obra de arte. Uma boa obra de arte exige que todos os seus elementos essenciais sejam bons. Por exemplo, uma boa história deve ter um bom enredo e bons personagens, e um bom tema. Assim, uma boa vida requer que você faça a coisa certa, o ato em si; e ter uma razão ou motivo corretos; e que você o faça da maneira certa, na situação correta. Além disso, as situações, embora relativas, são objetivas, não subjetivas. E os motivos, embora subjetivos, estão circunscritos por absolutos morais. Eles podem ser reconhecidos como intrínseca e universalmente bons ou maus. A vontade de ajudar é sempre boa, a vontade de prejudicar é sempre má. Assim, mesmo o situacionismo é uma moralidade objetiva, e mesmo o motivacionismo ou o subjetivismo é uma moralidade universal.

O fato de que os mesmos princípios devam ser aplicados de forma diferente para diferentes situações pressupõe a validade desses princípios. Os absolutistas morais não precisam ser absolutistas com relação às aplicações e situações. Eles

podem ser flexíveis. Mas uma aplicação flexível da norma não pressupõe apenas um padrão, mas um padrão rígido. Se o padrão é tão flexível quanto a situação, não pode ser considerado um padrão verdadeiro. Se o critério usado para medir o comprimento de um jacaré se contorcendo é tão confuso quanto o jacaré, você não pode medir com ele. As réguas têm que ser rígidas. E os absolutistas morais não precisam ser críticos com os motivos, somente acerca das ações. Quando Jesus disse: “Não julgueis para que não sejais julgados”, ele certamente queria dizer “não pretendam julgar corações e motivos, pois só Deus os conhece”. Certamente não queria dizer: “Não pretendam julgar os atos. Não façam distinção moral entre ameaça e defesa, entre matar e curar, entre roubo e caridade”. Na verdade, é apenas o absolutista moral – e não o relativista – que pode condenar o julgamento por motivo, uma vez que ele só pode condenar a intolerância. O relativista pode condenar apenas o absolutismo moral.

Mas refutar os argumentos mais populares a favor do relativismo não refuta o próprio relativismo. Precisamos de argumentos positivos a favor do absolutismo também. Aqui estão os cinco mais simples.

7. Argumento a favor do absolutismo: Consequências.

Primeiro, o argumento pragmático das consequências. Se o relativista argumenta contra o absolutismo a partir de suas supostas consequências baseadas na intolerância, podemos argumentar contra o relativismo a partir das suas consequências reais. As consequências são, pelo menos, um indicador relativo. São dicas. A boa moralidade deve ter boas consequências, e a má moralidade deve ter más consequências. Bem, é muito óbvio que a principal consequência do relativismo moral é a remoção dos impedimentos morais. Assim como a consequência de se “fazer a coisa certa” é fazer a coisa certa, então as consequências de pensar que, “se parece bom, faça-o”, são fazer tudo o que é bom. Não é necessário um PhD para ver isso. Na verdade, é preciso um PhD para não notá-la.

Todos os atos e as atitudes imorais, com a possível exceção da inveja, parecem ser bons. Essa é a principal razão por que fazemo-las. Se o pecado não parecesse ser divertido, nós todos seríamos santos. O relativismo nunca produziu um santo. Essa é a refutação pragmática dos relativistas. O mesmo vale para as sociedades. Relativismo nunca produziu uma boa sociedade, apenas uma má sociedade. Compare a estabilidade, longevidade e felicidade das sociedades fundadas nos princípios dos relativistas morais como Mussolini, Mao Tse Tung, com as sociedades fundadas nos princípios dos absolutistas morais como Moisés e Confúcio. Uma sociedade de relativistas morais geralmente dura uma geração. O Estado milenar de Hitler não chegou durar todo esse tempo.

Eu acho que a seguinte citação deveria ser enviada para o Supremo Tribunal dos EUA, a ACLU, a Associação Nacional de Professores, Hollywood, e todos os executivos de redes de TV:

‘Tudo o que tenho dito e feito nestes últimos anos é o relativismo, por intuição. Do fato de que todas as ideologias são de igual valor, que todas as ideologias são meras ficções, o relativista

moderno infere que todo mundo tem o direito de criar para si mesmo sua própria ideologia, e tentar aplicá-la com toda a energia de que é capaz. Se o relativismo significa desprezo por categorias fixas e homens que afirmam ser os portadores de uma verdade objetiva imortal, então não há nada mais relativista do que o fascismo.” Benito Mussolini

8. Argumento a favor do absolutismo: Tradição.

Em segundo lugar, o argumento da tradição. Este argumento deve apelar para igualitaristas que argumentam contra o absolutismo, porque acham que a tradição está de alguma forma conectada à arte de esnober. É exatamente o contrário. Absolutismo é a moralidade tradicional, e a tradição é o igualitarismo estendido na história. Chesterton chamou de “a democracia dos mortos, a extensão da franquia para a mais impotente das classes, os marginalizados, não por causa do nascimento, mas por causa da morte”. A tradição contraria uma pequena e arrogante oligarquia dos vivos, aqueles que por acaso estão andando pelo planeta hoje.

Para ser um relativista, você deve ser um esnober, pelo menos sobre este assunto de importância central. Para você ficar em uma pequena minoria, quase totalmente concentrada em uma cultura: o Ocidente moderno; ou seja, branco, democrático, industrializado, urbanizado, educado na universidade, secularizado, apóstata, pertencente à sociedade pós-cristã. Para ser um relativista, você deve acreditar que quase todos os seres humanos na história ordenaram a sua vida a partir de uma ilusão. Mesmo as sociedades como a nossa, que estão dominadas pela opinião popular dos especialistas relativistas, ainda tendem ao absolutismo moral. Assim como os comunistas, os relativistas fingem ser o partido do povo, quando na verdade estão desprezando a filosofia dos povos. De fato, por uma geração, uma minoria de elitistas relativistas que ganhou o poder dos meios de comunicação, tem imposto, implacavelmente, o seu relativismo elitista na opinião popular, acusando a opinião popular – isto é, a moralidade tradicional – de elitismo.

9. Argumento a favor do absolutismo: Experiência Moral.

Em terceiro lugar, há o argumento da experiência moral. Este é o argumento mais simples, eu acho, e também o mais forte a favor do absolutismo moral. Na verdade, ele é tão forte que parece uma pressão não natural colocá-lo na forma de um argumento – assemelha-se mais como dados primários. A primeira e fundamental experiência moral é sempre absolutista. Só mais tarde, na vida do indivíduo, ou da sociedade, a sofisticação sugere o relativismo moral. Cada um de nós se lembra da experiência da primeira infância quando nos sentimos ser moralmente obrigados. Bater-se contra uma parede moral inflexível. Esta memória está consagrada nas palavras “deve”, “deveria”, “certo” e “errado”.

O absolutismo moral é certamente baseado na experiência. Por exemplo, digamos que ontem à noite você prometeu a seu amigo que você iria ajudá-lo às 8h00 desta manhã. Digamos que ele tem que trocar seus móveis antes do meio-dia. Mas você estava acordado até 3h00. E quando o despertador toca às 7:00, você está muito cansado. Você experimenta duas coisas: o desejo de dormir, bem como a obrigação de se levantar. Os dois são genericamente diferentes. Você não experimenta nenhuma obrigação para dormir, e nenhum desejo de se levantar. Você é movido de uma maneira, por seu próprio desejo de dormir, e você é

movido de uma forma muito diferente, pelo o que você acha que deve fazer. Seus sentimentos aparecem de dentro para fora, por assim dizer, ao passo que a sua consciência aparece de fora para dentro. Dentro de você há o desejo de dormir, e isso pode levá-lo para a ação externa de desligar o alarme e rastejar de volta para a cama. Mas, se você se levantar para cumprir a sua promessa para o seu amigo, vai ser porque você escolheu responder a um tipo de coisa muito diferente: a qualidade moral percebida da ação de cumprir sua promessa em oposição à qualidade moral percebida da ação de recusar-se a cumpri-la. O que você percebe como certo ou obrigatório – levantar-se – puxa você para fora de si mesmo, de sua própria natureza. Mas os desejos que você sente tão atraentes – de voltar a dormir – empurram-o a partir de dentro, a partir de si mesmo, de sua própria natureza. A obrigação moral te move, como um fio, como uma causa final, de cima e de frente. Seus desejos movem-no como uma fonte, como causa eficiente, de baixo, ou para trás, por assim dizer.

Tudo isso são dados primários, experiência moral fundamental. Ela pode ser negada, mas apenas como algumas filosofias estranhas podem negar a realidade imediatamente percebida por nossos sentidos. O relativismo moral está para a experiência moral como o ensino da Ciência Cristã está para a experiência da dor, doença e morte. Diz-nos que estas experiências são ilusões a serem superadas pela fé. O absolutismo moral é empírico. O relativismo moral é um dogma de fé.

10. Argumento a favor do absolutismo: Ad Hominem.

Em quarto lugar, há o argumento ad hominem. Até o relativista vai sempre reagir com um protesto moral quando ele é tratado de forma imoral. O homem que apela para o princípio relativista de “Eu tenho que ser eu”, que justifica a quebra de sua promessa de fidelidade à sua própria esposa, a quem ele quer deixar por outra mulher, então romperá com a sua fidelidade ao seu princípio relativista quando sua nova esposa usar esse princípio para justificar o motivo de estar deixando-o por outro homem. Isto não é excepcional, mas típico. Parece que a origem do relativismo é mais pessoal do que filosófica. Mais na hipocrisia do que na hipótese. A contradição entre a teoria e a prática é evidente, mesmo no ato do relativista ensinar o relativismo. Por que os relativistas ensinam e escrevem? Para convencer o mundo de que o relativismo é certo e o absolutismo é errado? Realmente certo e realmente errado? Se assim for, então há algo que deva ser realmente correto e algo que deva ser realmente errado. E se não, então não há nada de errado em ser um absolutista, e nada certo com ser um relativista. Então, por que os relativistas escrevem e ensinam? Realmente, por todo o esforço que eles colocaram na pregação do seu evangelho de libertar a humanidade das repressões falsas e insensatas do absolutismo, alguém teria pensado que eles realmente acreditaram neste evangelho.

11. Argumento a favor do absolutismo: Linguagem Moral.

Em quinto lugar, há o argumento da linguagem moral. Este argumento é bastante óbvio, usado por C.S. Lewis, no começo do “*Mero Cristianismo*”. É baseado na constatação de que as pessoas brigam. Elas não brigam meramente. Elas argumentam sobre o certo e o errado. Isto é para agir como se eles acreditassem em

princípios morais universais e objetivamente reais. Se nada além das paixões e dos desejos subjetivos estivessem envolvidos, seria meramente uma disputa de força entre competidores. Ou entre paixões conflitantes dentro de uma pessoa. Se eu estou mais faminto do que cansado, eu comerei; se eu estou mais cansado do que faminto, eu dormirei. Mas nós dizemos coisas como, “isto não é justo.” Ou, “que direito você tem para fazer isto?”, se o relativismo fosse verdadeiro, o argumento moral seria tão estúpido quanto argumentar usando sentimentos. “eu me sinto bem”. “Não, eu me sinto péssimo.”

De fato, a linguagem moral que todos usam diariamente – linguagem que elogia, culpa, aconselha, ou comanda – seria estritamente sem significado se o relativismo fosse verdade. Não elogiamos ou culpamos agentes não-morais como máquinas. Quando a máquina de Coca-Cola rouba nosso dinheiro sem liberar uma lata, nós não discutimos com ela, não a chamamos de pecadora, ou dizemos que ela tem que ir se confessar. Nós a chutamos. Então quando alguns de nossos psicólogos dizem que somos apenas máquinas muito complexas, eles estão nos dizendo que a moralidade não passa de um esperar muito complexo. Isto é um completo absurdo... e não merece sequer um argumento contra. Penso que merece uma surra, o que não passa de praticar o que eles estão pregando: chutar, mas de uma maneira mais honesta. O argumento é simples. A linguagem moral é cheia de significado, e não sem significados. Todos sabemos disso. Sabemos como usá-la, e como sabemos! O relativismo não pode explicar este fato.

Pós-escrito: causa e cura.

Finalmente, o mais importante de todos, meu pós-escrito. Qual é a causa e a cura do relativismo moral? A fonte real do relativismo moral não é, absolutamente, qualquer argumento e, portanto, sua cura não é qualquer refutação de um argumento. Nem a filosofia, nem a ciência, nem a lógica, nem o senso comum, nem a experiência refutaram o absolutismo moral tradicional. Não é a razão, mas a abdicação da razão que é a fonte do relativismo moral. O relativismo não é racional, é racionalização. Não é a conclusão de um argumento racional. É a racionalização de uma ação prévia; é o repúdio do princípio que as paixões devem ser avaliadas pela razão e controladas pela razão. Esta é a virtude que Platão e Aristóteles chamaram de autodomínio (prudência). Não é apenas uma das virtudes cardeais, mas um ingrediente necessário em toda virtude. Aquela suposição clássica é quase a definição de civilização. Mas os românticos, os existencialistas, os freudianos, e muitos outros convenceram muitas pessoas na nossa cultura que o autodomínio é opressor, doentio e inautêntico. Se adotarmos o princípio oposto, e deixarmos a paixão governar a razão, em vez de a razão governar a paixão, há pouca esperança de que haja moralidade ou civilização.

Obviamente, a mais forte e mais atraente paixão é a paixão sexual. É, também, por conseguinte, a mais viciante e a mais ofuscante. Então, dificilmente haveria um enfraquecimento mais poderoso do nosso conhecimento moral e da nossa vida moral do que a revolução sexual. Já, a demanda pela liberdade sexual substituiu um dos instintos mais fortes da natureza: maternidade. Anualmente, um milhão de mães na América pagam, sozinhas, assassinos contratados, que são vulgarmente

chamados de médicos ou doutores, para matar seus filhos e filhas ainda no ventre. Como isto poderia acontecer? Apenas porque o aborto é dirigido por motivos sexuais. Pois o aborto é o apoio do controle de natalidade, e o controle da natalidade exige que se pratique relações sexuais sem que estas gerem bebês. Se a cegonha trouxesse bebês, não haveria a *Planned Parenthood*.

O divórcio é um segundo exemplo do poder que a revolução sexual tem para enfraquecer os princípios morais básicos. Suponha que houvesse alguma outra prática, sem ligação com o sexo, que tivesse estes três resultados documentáveis. Primeiro, trair a pessoa que você alega amar muito, a pessoa a qual você prometeu a sua vida, traíndo sua promessa solene para ela ou ele. Segundo, ao abusar das crianças que você procriou e prometeu proteger, marcando suas almas com cicatrizes infinitamente maiores do que qualquer coisa – exceto o abuso físico violento e direto – e dificultando mais ainda que eles tenham vidas e casamentos felizes. E terceiro, dessa forma, machucar, debilitar, e talvez destruir o futuro da sua sociedade. Será que tal prática não seria universalmente condenável? Porém, isto é exatamente o que o divórcio é, e é universalmente aceito. Traição é universalmente condenada, a menos que seja traição sexual. Justiça, honestidade, não fazer mal aos outros – estes princípios morais são afirmados, ao menos que eles interfiram com o sexo.

As drogas e o álcool são atraentes porque eles alegam alimentar a mesma necessidade. Eles carecem da grandeza ontológica do sexo, mas eles fornecem a mesma emoção quase mística: a transcendência da razão e da autoconsciência. Eu não quero dizer isto meramente como uma condenação moral, mas como uma análise psicológica. De fato, apesar disto parecer chocante, eu penso que o viciado está mais perto da verdade mais profunda que o mero moralista. Ele está procurando a melhor coisa em alguns dos piores lugares. Sua procura por um estado onde ele transcenda a moralidade está completamente errada, mas é também completamente correta. Pois fomos projetados para algo além da moralidade, algo pelo qual a moralidade será transformada. A união mística com Deus. O sexo é um sinal e um aperitivo daquilo. Os absolutistas morais não devem esquecer jamais que a moralidade, apesar de ser absoluta, não é definitiva. Não é o nosso *Summum Bonum*. O monte Sinai não é a Terra Prometida; é Jerusalém. E na Nova Jerusalém, o que finalmente acontece como o último capítulo da história humana é um casamento entre o Cordeiro e Sua esposa. Privados desta Jerusalém, devemos acreditar na Babilônia. Se não adorarmos a Deus, adoraremos ídolos, porque somos, naturalmente, adoradores.

Finalmente, qual seria a cura? Deve ser uma medicina mais forte do que a filosofia, de forma que eu possa te dar em apenas três palavras como resposta a esta questão que é a última e mais prática de todas. O que podemos fazer em relação a isto? Qual é a cura? Estas três palavras são completamente banais. Eles não são meus argumentos filosóficos, mas as exigências bíblicas de Deus. Arrepender-se, jejuar e orar. Confessar, sacrificar, adorar. Eu não conheço outra resposta, mas não consigo pensar em nada mais que possa salvar esta civilização, com exceção dos Santos. Seja um, por favor.